

## **MULHERES NO HIP HOP: A BATALHA FEMININA DE RIMAS “NA CANETA OU NO BATOM”**

Isabela Cristina Siqueira<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como finalidade discutir a importância da cultura Hip Hop para aqueles que a compõe produzindo ou como expectadores. Reconheço-a como uma resistência periférica que colabora no entendimento social e na construção da identidade daqueles que participam dela e a utilizam como ferramenta para expressar seus descontentamentos por meio da arte. Abordo a presença das mulheres neste meio majoritariamente masculino, que com o aumento da discussão sobre os mais diversos feminismos trouxe uma maior protagonização das mulheres na cena. No entanto o reconhecimento dentro do meio não é dado de maneira igualitária para elas, com isso, procuro trazer uma reflexão sobre a invisibilidade das produções artísticas das mulheres e questionar o motivo para que isto ocorra. O trabalho que aqui apresento mostra a atuação feminina em todos os elementos da cultura Hip Hop e as dificuldades enfrentadas por elas devido ao machismo presente na cena. Há, também, a apresentação do Coletivo Triluna que produz a primeira batalha feminina de rimas do Vale do Paraíba “Na Caneta ou No Batom”, exemplificando todos os benefícios e desafios de ser mulher que resiste dentro do meio.

**Palavras-chave:** Hip Hop; mulher; batalha de rima.

### **1. A presença feminina na cultura Hip Hop**

Em meio a realidade desigual da periferia o Hip Hop pode ser uma alternativa de conscientização dos jovens por meio do lazer, assim como futebol, o samba, o funk. A música, a dança e o grafite, que compõem a cultura, os atraem, e com o decorrer desse envolvimento, os jovens passam a estudar e a questionar sua realidade. Através do hip hop, é possível começar a compreender as desigualdades sociais e a contestarem a organização social, fazendo uma leitura crítica de sua construção, e denunciando os problemas enfrentados pelos moradores da periferia.

Para seus integrantes o Hip Hop representa um meio de sobrevivência. Os lemas “fazer por nós mesmos” ou o “é nós por nós” são disseminados, como crítica ao poder público que sempre deixou a periferia abandonada sem suprir os serviços básicos de saúde, educação, moradia, transporte, cultura e lazer. Os hip hoppers transmitem a ideia de resgate e valorização da identidade territorial periférica, apesar do abandono e de todas as dificuldades, como uma maneira de afirmar sua autonomia. A denúncia das condições precárias dos serviços públicos da região, o tema do desemprego, do trabalho

---

<sup>1</sup> [isabelasiqueira@id.uff.br](mailto:isabelasiqueira@id.uff.br), Bacharel em Produção Cultural – UFF.

precário e da exploração são conteúdos importantes para sua produção cultural. Afirmar com orgulho o “ser da periferia” traz legitimidade para sua fala e o reconhecimento daqueles que acompanham essa produção cultural, construindo sua identidade através dessa cultura.

O acionamento identitário desses artistas exerce uma afirmação política, enquanto reivindicação de pertencimento territorial a uma periferia simbolicamente unida, oposta ao centro dominante, apela para um reconhecimento político de que a periferia, também, produz e cria objetos positivos para a cidade, representa um “ato de resistência”.

O movimento Hip Hop é uma manifestação cultural que questiona e denuncia diversas opressões da sociedade atual, problemas como a violência e o racismo estão sempre presentes em sua produção artística, mas, apesar de seu caráter revolucionário, muitos dos seus integrantes seguem reproduzindo as atitudes patriarcais e o machistas presente na sociedade. Invisibilizando a presença das mulheres e diminuindo suas produções apenas por serem mulheres.

A imagem transmitida pelo movimento retrata a mulher de maneira dúbia, existe a mulher que é mãe, colocada quase como uma santidade intocável, a “guerreira” que permitiu aquela pessoa chegar até ali, já que muitas vezes os MC’s e os integrantes dos outros elementos<sup>2</sup> são criados apenas pela mãe e vivem o abandono paterno desde crianças. Por outro lado, eles representam as outras mulheres presentes em suas vidas como *vadias*, as sexualizam e as diminuem quando essas fogem do padrão comportamental de *mulher submissa*. (LIMA, 2005)

As mulheres que enfrentam o machismo dentro do Hip Hop, ou seja, que seguem na cena, apesar de tanta hostilidade por parte dos homens, o fazem para mostrar que elas também pertencem a esse movimento, elas também fazem parte da periferia, são integrantes de uma minoria em representatividade, suas histórias também têm que ser ouvidas, já que “ser ouvida” lhes é negado em toda a sociedade, é por meio da sua arte que elas gritam suas dificuldades, suas lutas e também suas vitórias.

A gente vive há muito tempo dentro do rap, escutando que mulher é vadia, que mulher é boa de cama, eles só lembravam da gente quando era a questão materna, quando é a mãe, é aquela companheira, que

---

<sup>2</sup> A cultura Hip Hop é composta por cinco elementos, o Mestre de cerimônia (MC), o Disc jockey (DJ), Break e o conhecimento.

lutou, que batalhou. só nós, mulheres, sabemos o que passamos. Então é importante deixar registrado. (PRETA RARA, 2016, p.43)

A Identificação dessas mulheres com a cultura Hip Hop está ligada a sua vontade de expressar sua vida e suas lutas, como mulher, mãe, periférica e em sua maioria, negra. A identidade é “preenchida” com a arte que elas acreditam que as permitem “ser” elas mesmas e fazem com que sejam ouvidas, mostram que diferente do que muitos dos homens do Hip Hop dizem, suas produções têm muito conteúdo e conhecimento.

Rap de mulher não é tudo igual. A gente vê hoje, mulheres falando de sexo, mulheres falando sobre questões sociais, sobre feminismo, sobre racismo. sobre lesbofobia. Porque você vê essa diversidade, aprende muito uma com a outra. Porque vai ser bom pra gurizada, pras mina que tão chegando, ver esse monte de mina cantando. Quantas vezes as mina, depois do show, vem agradecer a gente, falar que nunca tinha ido num show. Mas só de ver quatro, cinco mina rimando diferente, cada uma no seu estilo, e ver que eu posso criar o meu estilo também. Eu não tenho que seguir cartilha nenhuma, e vou ser menina do rap de calça, de saia, de tênis, de salto, rimando o que eu quiser, é fantástico. A representatividade importa, sim. E tem muita mulher foda cantando no Brasil. Nós somos mulheres de palavra. (BRISA FLOW, 2016, p.19)

Presentes no movimento desde seu início na Rua 24 de Maio e na Estação São Bento em São Paulo e em outras cidades do país em que a cultura Hip Hop estava se espalhando, as mulheres não veem suas histórias contadas na grande maioria dos materiais bibliográficos que se têm sobre a cultura, poucos as citam e nas produções em que aparecem, normalmente, são aquelas realizadas por outras mulheres. (FMNH2, 2013.)

Através de sua produção artística, dentro dos quatro elementos, as mulheres conseguem falar sobre si e sobre aquelas que se encontram em uma situação parecida e se identificam com a sua “correria”, elas retratam a periferia em todos os seus aspectos, mas não é apenas isso que fazem, elas também exaltam as mulheres que são “sobreviventes” dessa realidade, que lutam por melhores condições de vida, por melhorias no bairro, por moradias dignas e levam todas essas pautas para sua arte mesmo tendo que criar os filhos, manter outro emprego para sustentar sua família e ainda produzirem sua arte.

[...] Quando se trata da produção e da sociabilidade das mulheres do coletivo feminino, esta identidade (periférica) ganha contornos particulares, e não à toa elas estão a construir uma identidade coletiva

específica enquanto mulheres periféricas. Falam sobre as dificuldades de sua comunidade, em semelhança com o que se fala no movimento geral, mas suas experiências pessoais são constantemente permeadas pelas temáticas da família, da maternidade, da conciliação de uma jornada tripla ou quádrupla – o cuidado/sustento da casa e dos filhos, o emprego regular, os estudos e as atividades do Hip Hop, já que nem todas conseguem se sustentar apenas de sua carreira artística – da violência doméstica, da violência policial e encarceramento da juventude negra e pobre, juventude esta que geralmente são seus filhos, irmãos e/ou companheiros. (RAMOS, 2016, p.61)

Por meio de seus trabalhos demonstram a importância social das mulheres, promovem a elevação da autoestima das mesmas e buscam uma maior visibilidade, denunciando a desvalorização das experiências, pensamentos e atitudes femininas (LIMA, 2005). Elas buscam empoderar as mulheres que sempre estiveram presentes no Hip Hop, mas não conseguiam a visibilidade merecida e que ao se enxergar como uma “mulher empoderada” passa a enfrentar opressões, como o racismo e a misoginia. Empoderar-se para elas é romper barreiras, ir além dos obstáculos e acreditar na sua arte mesmo com todas as dificuldades dentro e fora do Hip Hop.

## **2. As minas na cena: produzindo Hip Hop em São José dos Campos/SP**

O Coletivo Triluna fundado em 2016 a partir da necessidade, observada por suas integrantes, de se criar espaços para as mulheres dentro dos movimentos urbanos e culturais do Vale do Paraíba (SP). Formado por Alra Alves, Shiva Carolina, Meire Queiroz, Jaíne Lima, Priscila Andrade (Zadume), Thaylla Barros (Blaqueen), Ana Bo, Ellen Silva Espirito Santo (Leen), Aline Vieira (B.girl Morg) fomentam e atuam na cultura do Hip Hop, por meio de produção de eventos, arte educação, vivências culturais, e ações onde a ideia é sempre criar um espaço que permita o aprendizado e o compartilhar de experiências, buscando sempre dar visibilidade para as mulheres presentes na cena.

Apresentarei a experiência de pertencer e produzir Hip Hop em São José dos Campos através de entrevistas realizadas com duas atuais integrantes e uma ex-integrante do coletivo. Thaylla Barros, vulgo Blaqueen, é mulher, negra e nordestina natural de Montes Altos do Maranhão, cresceu em São José dos Campos, é artista visual, artista urbana afro-centrada, arte educadora e produtora cultural; Ellen Espirito Santo, vulgo Leen, é mulher, indígena e mãe, natural de São José dos Campos atua na cena desde seus 11 anos, é artista visual, grafiteira e tatuadora; Beatriz Almeida é

mulher, branca, natural de São José dos Campos, assistente social e no momento se encontra afastada da cena<sup>3</sup>.

A forma com que elas conheceram o Hip Hop e passaram a participar do mesmo são bem parecidas, por morarem em bairros periféricos onde a cultura costuma ser mais forte e representativa para sua população, elas sempre estiveram em contato com os algum dos elementos da mesma em locais que costumavam frequentar.

Eu conheci o hip hop bem novinha. Nasci na zona leste de São José, lá a cultura era bem forte, nas festinhas rolava as batalhas de dança, os dj's, nas ruas os freestyle, rima, improviso nas praticinhas, o rap sempre tocando no rádio, grafite sempre nos muros. Na época a ação juventude era bem presente, e sempre colocavam o hip hop no meio, e depois veio os encontros na calçada do sesc que envolvia muito do hip hop, algo bem underground. Então cheguei nessa cultura de um jeitinho bem natural. E que permanece até hoje na minha vida. E a motivação sempre foi ver o brilho nos olhos de quem fazia e faz parte, é uma parada bem verdadeira, quem se envolve sente a energia. (BEATRIZ, 2019)

Quando questionadas sobre como é ser uma mulher na cena, disseram que as dificuldades para elas são muito maiores, que seus trabalhos sempre são julgados de forma diferente e que o acesso e o retorno que têm com eles são menores do que o dos homens. “Ser mulher no hip hop é ter que provar mil vezes que você conhece algo, que conhece músicas, artistas, movimentos. É ter que provar o tempo todo. Como se precisássemos provar algo pra eles pra fazer parte.” (BEATRIZ, 2019).

Contam que o tratamento dado a elas é desigual, que elas não têm o mesmo espaço e oportunidades oferecidas aos *manos*, acreditam que o espaço conquistado é fruto de uma luta delas, que estão se impondo e abrindo o próprio espaço.

Na cena do grafite se você falar com qualquer mulher que grafita e trocar ideia ela vai falar que é assim, a gente tem evento que a gente sabe que as pessoas receberam kit e tal, sei lá, um kit de cinco latas, a gente chega lá e não tem esse kit pra gente ou quando tem não é a mesma coisa e espaço também não é a mesma coisa, isso ainda é... tá bem devagar assim, mudou bastante perto do que era, as coisas tão caminhando, mas elas tão bem devagar ainda. Na produção cultural tem muita mulher fazendo, eu acho que o espaço que não tem ou não se tinha a gente tá abrindo, assim, ninguém abriu o espaço, a gente que tá buscando o espaço, acho que é bem isso. (BLAQUEEN, 2019)

O fortalecimento entre as mulheres está muito presente em suas ações e falas, já que convites para participar de eventos organizados por homens são raros. A busca por

---

<sup>3</sup> As entrevistas foram concedidas a autora entre os meses de junho e agosto de 2019.

representatividade e a organização de grupos apenas de mulheres vem também como uma tentativa de subverter a falta de convites e as sabotagens que elas dizem sofrer.

Com as redes sociais e a facilidade de divulgação de informações por meio da internet, o feminismo e a luta das mulheres por equidade de gênero passou a ser mais fomentado e transmitido entre as mulheres. Ao perguntar se elas acreditam que a união das mulheres dentro da cultura Hip Hop também aumentou devido ao tema estar mais em voga, as respostas variaram, mas todas acreditam que conhecer a teoria feminista é um privilégio que não costuma atingir a população periférica da mesma forma que as classes mais altas.

[...] eu não sei até que ponto o feminismo alcança as pessoas, sacou? Tipo, a minha mãe, o feminismo não alcança ela, sabe? Então eu não sei se ele é válido na minha vida tanto quanto uma pessoa que tem acesso total e pode se impor na vida, sacou? Ai, o nosso salário é ainda menor mesmo eu tendo um trampo que eu considere bom pra caramba, quando um cara começa, ele já começa 10 passos a frente, no meio da tattoo por exemplo e eu acho que nessa questão de coletivo e de fazer uma parada gerar dinheiro também. [...] Ai, eu acho que essa questão do feminismo é legal pra gente saber em quem confiar, sacou? Acho “da hora” isso. (LEEN, 2019)

Mesmo com a crença de que a teoria não alcança a todos, reconhecem as desigualdades de gênero e veem a união das mulheres como uma forma de se reconhecer e saber em quem se pode confiar. O empoderamento das mulheres, muito associado à teoria feminista, é reconhecido dentro de muitos trabalhos produzidos por elas. Há também a crença de que mulheres periféricas mesmo sem conhecer a teoria impõem suas ideias e tem se empoderado.

Eu costumo dizer que nas perifeiras, por exemplo, muita gente é feminista sem saber o que significa isso, né. O “ser feminista” é você se posicionar, você tá ali, colocar o que você pensa e muita gente tem esse posicionamento, mas não se reconhece dentro do movimento por várias questões. (BLAQUEEN, 2019)

O feminismo traz como algumas de suas pautas a busca por união, fortalecimento e reconhecimento das mulheres e suas produções, mas ainda tem muito a ser alcançado por elas, já que a teoria não chega para todas.

Vejo o feminismo dentro da cena como uma mãe, que abraça nos momentos difíceis, que vibra quando conquista, mas que erra também. O feminismo no hip hop são aquelas mulheres que abraçam umas as outras quando algo ruim acontece, são as mulheres que se emocionam ao ver outra mina conquistando espaço, vitórias, que se solidarizam, que são empáticas nas situações. Mas é delicado, o feminismo também tem seus erros, de julgamento, ideias distintas, de conflitos, como

qualquer vertente de causa. Porém acredito que para além dessas “tretas” tem a importância de ouvir, de dar voz e vez para quem não tem privilégios, ou tem menos privilégios. E por aí vai. Construir algo sólido é demorado mesmo. (BEATRIZ, 2019)

Mesmo com o machismo muito presente na cena o sentimento de gratidão faz com que elas acreditem que a cultura Hip Hop tem que ser transmitida para outras pessoas e reconhecida como uma cultura que salva vidas, isso as motiva a continuar produzindo e a transmitir tudo àquilo que aprenderam e que ajudaram a construir quem elas são hoje, se dedicando para que cada vez mais as mulheres tenham visibilidade e conquistem seu espaço.

### 3. A batalha feminina de rimas “Na Caneta ou No Batom”

A Batalha feminina de rimas “Na Caneta ou no Batom”, criada pelo Coletivo Triluna tem o intuito de celebrar a cultura Hip Hop e unir, empoderar, formar e dar visibilidade para as mulheres na cena do Vale do Paraíba (SP), a região localiza-se entre o leste do Estado de São Paulo e o sul do Estado do Rio de Janeiro. Seu nome deve-se ao fato de que a região forma a bacia hidrográfica do Rio Paraíba do Sul, considerada a terceira maior região em volume de investimentos do Estado, possui um parque industrial altamente desenvolvido. O coletivo vem abrindo espaço para as produções femininas dentro da cena do Hip Hop que muitas vezes não é valorizada pelos membros da cultura. As integrantes do coletivo acreditam que a batalha vem em uma tentativa de suprir uma carência que existe dentro da cena na região, já que a presença feminina não é representativa nos eventos de Hip Hop.

O foco foi que tava rolando bastante evento assim e a gente não via as minas na line, tipo tava na época (2017) a Tamara, a Alra, tinha Killa Bi, tinha bastante mina cantando, existia a produção de Rap feminino, mas não tinha elas na line. [...] Então acho que foi essa carência, assim, da gente tentar fomentar uma coisa que fosse totalmente feminina. (LEEN, 2019)

A falta de nomes femininos integrando a *line*<sup>4</sup> dos eventos foi considerada por elas uma falta de reconhecimento do trabalho das *minas*, um espaço que não é aberto para elas exporem e suas produções.

[...] as pessoas não abrem espaço é muito difícil, então a gente tem que abrir o espaço e justamente pra isso que surgiu o coletivo, porque aí a gente consegue vê movimento, a gente consegue trazer pessoas, a gente consegue dar espaço também pra quem não tem, porque assim como a gente não tem, várias outras mulheres e várias outras pessoas

<sup>4</sup> Lista de artistas que se apresentarão no evento.

não tem, né. [...] várias meninas que hoje em dia tão aí, tipo, gravaram CD e tal, participaram pela primeira vez de alguma batalha da nossa batalha, então tem um contexto né, a gente sabe que é um espaço que muita gente não tinha, que a gente conseguiu abrir um espaço mesmo que pequeno, mesmo que pouco, a gente tá abrindo aos poucos. (BLAQUEEN, 2019)

O fortalecimento entre as mulheres se mostra muito presente como um dos objetivos da criação tanto do coletivo quanto da batalha, criando um espaço em que elas se sintam representadas e seguras para se expressar.

Então, a gente sempre falou de uma vontade que tínhamos de estarmos juntas, pra conversar, dançar, rimar, grafitar, ouvir um som daora. Um espaço onde as minas pudessem se sentir mais seguras, a vontade pra se expressar. Víamos muitas batalhas, muitos shows, eventos cheio de caras e pouquíssimas mulheres. E não dá pra gente ficar esperando que os homens se tocassem né? Então ficamos animadas pra criar algo nosso, de nós para as outras, existia essa necessidade e ainda existe. O Vale é cheio de mulher incrível! E a gente precisava mostrar isso. A motivação sempre esteve lá, sempre foi querer ver as minas se expressando sem medo. A gente só precisava de um up mesmo. (BEATRIZ, 2019)

Há duas modalidades de batalhas mais comuns, são a batalha de sangue e a batalha de conhecimento, nelas se tem como finalidade testar a capacidade criativa e a habilidade de respostas rápidas dos MC's ao se enfrentarem. A batalha de sangue é composta por dois rounds de 30 ou 45 segundos para cada um dos concorrentes e ao final o público decide quem foi melhor, em caso de empate há um terceiro round. A batalha de conhecimento é realizada através de um tema proposto pelo público visando testar o raciocínio rápido dos concorrentes, o tempo para rimar, a divisão das rodadas e o julgamento do vencedor é igual na modalidade sangue.

A primeira edição aconteceu no dia 19 de fevereiro de 2017 e foi realizada em um espaço fechado, cobrando um valor simbólico na entrada de R\$10,00. A batalha foi realizada na modalidade “sangue”. Vale ressaltar que a batalha teve regras passíveis de eliminação: não era permitido machismo, racismo, homofobia e gordofobia, além das já comuns que são sem pederastia e sem contato físico de forma intimidadora. As expectativas de inscrições das organizadoras foram superadas com 19 mulheres querendo batalhar.

Além da batalha, o evento contou com shows de MC's e grupos de rap feminino, apresentação de dança urbana com B-girls e exposição de grafite de uma das integrantes do coletivo. A iniciativa foi apoiada por mulheres de outras cidades que se apresentaram

sem cobrar cachê, como a Cris SNJ que cantou junto com o D'Origem, rap feminino da cidade integrado por Meire que, também, compõe o Coletivo e por Preta Ary. Contou também com shows do Rap Pluz Size e da Brisa De La Cordillera, a MC Barbara Bivolt veio de São Paulo para ser uma das Mestres de Cerimônia, junto com a Gabriele Souza que é artista independente da região.

Estive presente nessa edição. A presença de público foi bem expressiva e em sua maioria de mulheres. A repercussão da batalha foi grande antes mesmo do evento acontecer e o fortalecimento das minas ao não cobrar para se apresentar, ajudar na divulgação e estando presente em peso no dia do evento foi o que as organizadoras dizem ter motivado-as para continuar produzindo, mas também relatam a falta de apoio de alguns *manos*.

Faz um tempo já, desde o início, desde o primeiro evento. Mas vimos de tudo, desde que “anunciamos” que teria essa Batalha na Caneta ou No Batom. Muita gente se animou junto, claro que grande parcela foram mulheres, muitos caras também se demonstraram felizes pela nossa iniciativa e super apoiaram bem como ajudaram em alguns “corres” pro evento. Mas também vimos homens que diziam apoiar nosso role, mas no dia do evento deu um “jeitinho” de entrar de graça porque tinha um conhecido (e o fim vocês já sabem). É complicado, acho que sempre tem disso né? Fiquei chateada, pois fortalecer com apoio moral é massa, acho super válido e de extrema importância, mas é importante a gente falar aqui, que eventos, movimentos como esses demandam dinheiro também, pois cobramos um valor significativo, as artistas de fora pediram apenas valor da passagem e comida. Conseguimos várias parcerias legais com as meninas, mas sabemos que tivemos gastos e um evento de mulher – praticamente só de mulher mesmo, não lota como um evento dos caras. Aí complica! Fortalecer a cena local, artistas da sua cidade é muito importante. A galera paga mais que R\$100 pra outros eventos, não custa pagar R\$5, R\$10 pra evento local. Mas no geral, a aceitação foi bem positiva. Foi o que nos moveu. (BEATRIZ, 2019)

Algumas das dificuldades relatadas por elas foi a busca por espaço para realizar o evento e patrocínios para conseguir bancar financeiramente o transporte e alimentação das artistas, que dispensaram o cachê para fortalecer a iniciativa. A DJ que tocava teve um imprevisto de última hora e não pode comparecer. Com a falta de outra DJ mulher na região, na época, ela foi substituída pelo DJ Gabiru, que atua na cena no Vale do Paraíba desde 2012 e sempre apoiou e acreditou no trabalho e na produção das minas, ajudando as integrantes do coletivo em tudo que foi necessário.

Após a realização de cinco edições em diferentes cidades da região, em 2018 o Coletivo começa a realizar uma série de oficinas dos cinco elementos, após passarem no edital do Fundo Municipal de Cultura (FMC)<sup>5</sup> realizadas de agosto a novembro e em sua maioria ministrada por mulheres, com o objetivo de fomentar e fortalecer a cultura urbana e o Hip Hop no Vale do Paraíba.

As integrantes acreditam com a realização das oficinas a cultura passa a ser mais conhecida e traz uma vontade em outras pessoas de conhecer e participar, também, são consideradas por elas uma forma de mudar a imagem negativa que se tem da cultura Hip Hop e apresentá-la às meninas mais novas e crianças no geral de uma forma mais segura, alcançando meninas que não possuem a liberdade de estarem presentes nas manifestações culturais do Hip Hop no meio *underground*.

Acho que quando eu tive o contato, foi mais esse contato de rua e eu acho que poucas minas tem essa liberdade dentro de casa pra sair pra rua pra aprender as coisas e eu confesso que, meu, o *underground* ele tem drogas, ele tem várias bebidas, o pixo mesmo que é ilegal, então são riscos. Acho que a gente que já sabe fazer, a gente ir até essas pessoas sem essa questão do *underground*, tá ligado, é uma maneira “da hora” de ser seguro pras crianças de ter acesso, sacou? (LEEN, 2019)

Os resultados das oficinas e materiais que foram produzidos nelas foram expostos na sexta edição da batalha que aconteceu no dia 02 de fevereiro de 2019, juntamente com a gravação da primeira *cypher*<sup>6</sup> do Coletivo que contava com a apresentação da música produzida durante as oficinas. Esta edição foi a finalização do projeto realizado através da verba do FMC. Nela, além das apresentações dos elementos da cultura, o Coletivo convidou outra manifestação cultural que também é marginalizada para se apresentar, o grupo de Jongo Mistura da Raça. A presença de mulheres para batalharem foi menor, o que fez com que o Coletivo abrisse para que homens pudessem participar pela primeira vez, mas sempre dando prioridades para as mulheres.

Em 2019, em parceria com o Grupo Maxado, produtores de audiovisual, elas tiveram o projeto Manobra da Massa aprovado no Edital do Programa de Ação Cultural

---

<sup>5</sup> O Fundo Municipal de Cultural (FMC), criado em 2013, é um mecanismo de financiamento público, com recursos diretos, para projetos artístico-culturais de artistas, grupos, coletivos ou outras entidades e empresas que trabalham na área artístico-cultural, a serem realizados na cidade de São José dos Campos. (FCCR, [s.d.])

<sup>6</sup> Gravação de uma música ou clipe produzido por vários artistas do meio.

(PROAC)<sup>7</sup>, uma das ações do projeto foi o evento Grito de Carnaval ZL, dentre as apresentações ocorreu um Encontro de Batalhas com a presença da Batalha 341, que acontece todo sábado e a Batalha do SV, ambas acontecem em bairros da Zona Leste, e a Batalha Pedrada Taiada de Caçapava, cidade vizinha. O projeto foi realizado durante seis meses produzindo oficinas de cultura urbana e cultura digital, eventos e ações coletivas com artistas e grupos independentes da zona leste para favorecer a articulação, o fomento e o fortalecimento da produção artística da cidade.

Um dos eventos produzidos durante o projeto foi a sétima edição da batalha em 26 de maio de 2019, esta que foi a última edição realizada até agora também foi aberta para que homens pudessem batalhar, com a ressalva de que a preferência nas inscrições seria para as mulheres e realizadas no dia. As meninas relataram dificuldades em continuar a batalha pela pouca presença de minas produzindo na cena, além de muitas que costumavam batalhar estarem focando nas produções de músicas e discos e pra isso ficando por um período fora das batalhas. A presença do público também diminuiu nas duas últimas edições, acredito que devido à localização onde foram realizadas ser mais afastada do centro, dificultando o acesso de pessoas que moram em outras zonas da cidade, mas mesmo com as dificuldades elas incomodam alguns dos integrantes da cena do Hip Hop da cidade.

Com a batalha em si a gente tá tendo um pouco de dificuldade, tanto que a gente nem tá fazendo mais tanto, porque a maioria das pessoas que participavam e tal já não tão mais rimando, porque também no RAP tem isso, as pessoas que fazem free style, que participam de batalha de rima costumam ter essa fase, tipo, ta um tempo em batalha, mas ai quer fazer um CD, por exemplo, e da um tempo da batalha, fala “ah, não vou mais batalhar agora, porque quero focar nisso” e como são poucas mulheres que se posicionam e que gostam de rimar, a gente tava com problema de público, assim, mas de resto a gente sabe que tem preconceito e tal, eu acredito que não por estar fazendo um movimento por mulheres e pra mulheres, mas a cena do RAP aqui em São José dos Campos, por exemplo, no Vale do Paraíba tem um ego muito grande, acho que assim posso dizer, e tem umas panelinhas, né, então quando se forma panelinhas e começa a se fazer um movimento

---

<sup>7</sup> Nesta modalidade do programa de incentivo à cultura, os artistas, grupos e produtores disputam os recursos disponíveis por meio de seleções públicas, cujas regras são estabelecidas previamente em editais – daí a nomenclatura. Cada edital estabelece previamente o objeto dos projetos, além da quantidade e do valor dos prêmios disponíveis. A fim de garantir a democratização na distribuição dos recursos, pelo menos 50% dos projetos são selecionados entre proponentes que têm atuação no interior. (Secretaria..., [s.d.])

que não é dessa panelinha, costuma dar umas feridinhas no ego de alguém, mas é isso. (BLAQUEEN, 2019)

A falta de equipamentos próprios, a rivalidade feminina e o questionamento da legitimidade da produção delas também se apresentam como dificuldades para continuar produzindo.

[...] eu vejo que as minas... elas abraçam, mas tem também a questão da rivalidade feminina, então tem todo o role assim... tipo, é a cidade que eu nasci, então eu conheço bastante gente, é a cidade que todo mundo que ta no coletivo nasceu, então assim seria algo muito novo se a gente já não tivesse nossos “corres” por trás disso, sacou? As pessoas já conhecem a gente, aí existe a rivalidade feminina, as mulheres da mesma área competem por uma questão muito intuitiva, não é uma parada que a gente fomenta, mas acontece, sacou? É... Eu acho que a gente incomoda também, algumas pessoas, já ouvimos vários boatos assim de que o que a gente faz não é legítimo, sacou? Por parte dos caras. (LEEN, 2019)

Mesmo com as dificuldades, construir um espaço que fomenta e visibiliza a produção feminina no Hip Hop é visto por elas como uma quebra de barreiras e construção de um empoderamento para essas mulheres que estão cada vez mais se impondo e exigindo seu espaço na cena.

Ser mulher nesse mundo machista já é complicado. Ser mulher dentro de qualquer movimento é desafiador, mas acredito que é um ato político enorme e de muita importância, porque abre portas, quebra barreiras, salva a vida das mesmas. Ainda mais o hip hop, que vem com uma “pegada” agressiva, de ideias, de contestação, seja na dança, no microfone, nos discos, na arte do grafite. Quando a mulher se impõe, independente da forma, ela se liberta também, e mulheres livres mesmo que seja por poucos minutos incomodam. Então o hip hop feminino incomoda e muito. (Produzir a batalha é) Uma experiência que todo mundo deveria ter. Teve dificuldades? Teve, muitas. Mas teve olhinhos brilhando por estar vendo tudo aquilo acontecendo. Talvez pra quem vê de fora ache que foi algo simples, talvez pra muitos homens não tenha feito diferença, mas para mim e tenho certeza que pra muitas outras mulheres, foi um marco até para outros homens sei que serviu como um aprendizado, eu espero que sim. Foi algo que vai ficar na lembrança, no coração e que trouxe muitos bons frutos. E São José – o Vale em geral, como já disse tem muita mina foda, talentosa, cheia de dom. Foi um prazer estar ao lado delas em algum momento. (BEATRIZ, 2019)

A crença de que a cultura Hip Hop salva vidas também é compartilhada pelas entrevistadas que acreditam que o poder público não explora todo o potencial que ela tem e suas produções deveriam ser mais apoiadas para que cada vez mais pessoas se envolvam, conheçam e também para que a produção feminina seja cada vez mais expressiva.

Existe sim pouquíssimo apoio das políticas públicas que visam a área cultural, social correlacionada com mulheres no hip hop. Na real, as políticas públicas pouco se importam com a cultura periférica, com o hip hop e afins. Agora imagina trazer isso pro âmbito feminino? Que já é pouco visado normalmente. Sempre foi a cultura pela cultura sem depender de apoio lá de cima. Tá sendo elas por elas faz muito tempo. O triste é que o Hip Hop já salvou muitas pessoas, muitas mulheres, muitas meninas, onde é um movimento para além de cultural é um movimento social e os órgãos públicos sejam na grande esfera ou até pequena, como prefeituras não percebem isso? As vezes dão um apoio aqui, outro ali para falar que “tá tendo” mas na verdade não olham de forma sincera. O Hip Hop para as mulheres trazendo as mesmas como protagonistas teriam muita visibilidade sim, se tivesse mais apoio, sem dúvidas. E espero que acordem o quanto antes pra isso, pois não sabem o tanto de talento que estão perdendo. Que poderiam ser reconhecidas mundialmente por levar uma verdade na voz, no corpo, na arte. (BEATRIZ, 2019)

O sentimento de orgulho de fazer parte da cultura Hip Hop e de estar produzindo algo em que acreditam é como um retorno por tudo que a cultura apresentou para elas e as ajudou na construção da identidade. E dizem não se ver fora da cultura, “é um sentimento de gratidão, a gente quer passar adiante o que recebeu pra que outras pessoas também possam ter essa oportunidade” (BLAQUEEN, 2019).

A Cultura Hip Hop está ligada, para a maioria de seus integrantes, a uma mobilização e aceitação de uma identidade periférica, o pertencimento a esses territórios possui um papel importante na aproximação de produtores (as) e consumidores (as) da cultura, uma vez que a experiência de vida é quase que fundamental para trazer legitimidade para se criar e desfrutar das produções. Os conteúdos trazidos pelos *hip hoppers* em suas produções artísticas ressaltam o orgulho de pertencer a esse território e de lutar para adquirir reconhecimento e melhores condições de vida, chamando atenção para as dificuldades diárias enfrentadas por quem vive nesses locais.

Apesar de ser uma manifestação cultural que possui um caráter revolucionário que denuncia as opressões sofridas pelas populações periféricas, negras e de classe baixa, os integrantes da cultura ainda reproduzem valores sociais machistas presentes na atual ordem social estabelecida, oprimindo as mulheres que pertencem à cena, invisibilizando-as e não dando as mesmas oportunidades para que elas produzam seus trabalhos.

A participação das mulheres de uma cultura majoritariamente masculina, apesar de difícil e competitivo, não as impede de reclamar pelo direito de igualdade e

denunciar a condição desigual de acesso aos espaços e a visibilidade de suas produções dentro da cultura Hip Hop. Presentes nos espaços de fruição dos elementos da cultura desde o princípio de suas práticas falam o quanto seus trabalhos são menosprezados por serem mulheres e sobre como suas reivindicações são tratadas como menores ou sem importância pelos *manos*.

Suas formas de se expressar e temas abordados em suas produções também se baseiam no cotidiano periférico trazido pelos *manos*, mas o recorte de dificuldades enfrentadas por ser mulher em uma sociedade patriarcal e machista é uma vivência que apenas elas podem apresentar, demonstrando seus medos, anseios e experiências de vida. Ao comporem sobre a realidade feminina, tronam-se as vozes antissexistas dentro da cultura, declarando que não são objetos sexuais, e sim sujeitos que tem sua voz e, também, querem ser ouvidas.

O discurso e a teoria feminista estão cada vez mais alcançando as mulheres, através da internet e das redes sociais. Ao ter como suas pautas a equidade social e a união das mulheres para alcançá-la fazem com que as *hip hoppers* também levem essas pautas para seus trabalhos, fortalecendo umas às outras, elevando o “é nós por nós” para além de um fortalecimento da periferia, incluindo também a luta para conquistar espaços e buscar reconhecimento para as mulheres. O empoderamento delas faz com que elas consigam se impor e denunciar atitudes machistas dentro e fora da cena e a continuarem produzindo mesmo com o “corre” sendo muito mais longo e difícil para elas.

Através das entrevistas com as integrantes do Coletivo Triluna e ao acompanhar algumas de suas produções, pude exemplificar como é na prática a vivência dessas mulheres dentro da cultura, desde o tratamento diferenciado dado para os *manos* e as *minas* pelos organizadores de outros eventos até a tomada da decisão de que não esperariam mais esse retorno e abertura de espaço dentro das produções dos *manos*. Elas decidiram construir um espaço próprio e acolhedor para as *minas*, dando visibilidade e demonstrando que ao se unir elas conquistam cada vez mais uma autoconfiança em suas produções.

A batalha feminina de rima “Na Caneta ou No Batom” para mim é construção de um espaço seguro para mulheres. Nele elas podem se expressar com a crença de que

serão ouvidas e respeitadas, não precisarão enfrentar atitudes machistas já tão presentes em seu dia a dia e nem serão diminuídas pela sua aparência ou, simplesmente, por ser mulher. Ser reconhecida como uma MC que tem suas particularidades e recortes sociais traz uma confiança que nem sempre conseguem para participar de batalhas mistas. Poder observar que a criação desse espaço permitiu que muitas mulheres tivessem seu trabalho reconhecido e que algumas estão conseguindo gravar seus discos, como a Alra Alves e a Killa Bi, me permite ver a força que esse espaço tem e a importância de sua continuidade mesmo com todas dificuldades.

Uma cultura que traz representatividade negra e periférica como o Hip Hop em uma sociedade como a nossa que é construída sobre bases hierárquicas de classe, cor e gênero, é incômoda para quem pertence ao topo dessas hierarquias. Isso faz com que a cultura não receba o reconhecimento que merece ao mudar a realidade e ao construir sujeitos engajados que passam a lutar por seus direitos e a denunciar suas dificuldades.

O “é nós por nós” é uma subversão da periferia ao dizer que vão produzir independente do apoio ou não do poder público, mas ao denunciar essa realidade na tentativa de mudá-la, aos poucos os *hip hoppers* conseguiram fazer com que o poder público criasse incentivos para a realização de ações voltadas para a cultura Hip Hop, mas ainda são poucas e não abarcam todas as iniciativas que poderiam, fazendo com que uma das grandes dificuldades de se continuar produzindo conteúdo artístico-culturais seja a falta de verba.

Encerro esse artigo acreditando cada vez mais na potência que a cultura Hip Hop tem para mudar a realidade de muitos jovens da periferia e de que as mulheres presentes na cena são fundamentais para a construção da mesma. Desejo que cada vez mais as mulheres consigam impor suas ideias e construir espaços de união em que se sintam seguras. Rodas de rima são lugares de escuta e de expressão e uma roda de rima feminina tem força e é um local em que se constroem afetos ao se reconhecer nesse espaço. Que o Hip Hop alcance cada vez mais espaços e que as minas cada vez mais conquistem visibilidade e reconhecimento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRISA FLOW, Com a palavra: Brisa Flow. In: ALLUCCI, Fernanda; VALENCIO, Ketty; ALLUCCI, Renata R.. **Mulheres de Palavra: Um retrato das mulheres no rap de**

São Paulo. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo e Secretaria da Cultura, 2016  
p.16 – 19.

FCCR, Fundação Cultural Cassiano Ricardo. **Fundo Municipal de Cultura - FMC**. Disponível em: <<http://www.fccr.sp.gov.br/index.php/editais/category/509-o-que-e-fmc-fomento.html>>. Acesso em: 07 nov. 2019.

FNMH2 (FRENTE NACIONAL DE MULHERES NO HIP HOP). **Perifeminas**: nossa história. São Paulo, 2013.

LIMA, Mariana Semião de. **Rap de batom**: família, educação e gênero no universo rap. 2005. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

PRETA RARA, Com a palavra: Preta Rara. In: ALLUCCI, Fernanda; VALENCIO, Ketty; ALLUCCI, Renata R.. **Mulheres de Palavra**: Um retrato das mulheres no rap de São Paulo. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo e Secretaria da Cultura, 2016  
p.40 – 43.

RAMOS, Izabela Nalio. **Entre “perifeminas” e “minas de artilharia”**: participação e identidades de mulheres no hip hop e no funk. 2016. 176 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Usp, São Paulo, 2016.

Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo. **ProAC**: Editais. Disponível em: <[http://www.proac.sp.gov.br/proac\\_editais/principal/](http://www.proac.sp.gov.br/proac_editais/principal/)>. Acesso em: 07 nov. 2019.